

RESGATANDO A MEMÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ALGUNS APONTAMENTOS

*RESCUING CAROLINA MARIA
DE JESUS'S MEMORY: SOME
NOTES*

Sueli Meira Liebig¹
(UEPB)

RESUMO: Negra, favelada, catadora de lixo e semianalfabeta, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é um caso curioso de se investigar, um meteoro de rápida aparição no panorama literário nacional, de transitória ascensão e sub-reptícia queda, tendo morrido reclusa e indigente num pequeno sítio em Parelheiros, na periferia de São Paulo, sem que o seu devido mérito tivesse sido reconhecido em seu próprio país. Embora tenha sido

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Professora do Departamento de Letras e do PPGLI da UEPB- Guarabira e Campina Grande, Paraíba, Brasil. suelibig@ch.uepb.edu.br

traduzida em no mínimo treze línguas, conhecida em 40 países, superado em vendas nos Estados Unidos um escritor de renome como Jorge Amado e continue a ser um grande referencial nos programas de literatura de línguas românicas das grandes universidades do exterior -, no Brasil ela ainda continua desconhecida do grande público e ignorada pelos críticos. Minha fala tem o objetivo de divulgar essa escritora entre as massas, além de equacionar algumas questões pertinentes à compreensão do preconceito por ela sofrido em sua própria terra e do ostracismo a que foi relegada. Espero com isto estar contribuindo para – se não a alçar ao panteão das grandes deusas como Clarice Lispector, Lya Luft, Nélide Pinõn e Rachel de Queirós - pelo menos torná-la uma autora de destaque como acontece pelo mundo afora.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus. Literatura Afro-brasileira. Memória. Sociedade.

ABSTRACT: A Black woman, living in the suburbs, an almost illiterate garbage picker, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) constitutes a curious case to be investigated, a meteor of quick apparition in the scenery of Brazilian national letters, of transitory ascension and sudden fall, having come to die anonymous and impoverished in a small tract of land in Parelheiros, in the outskirts of São Paulo. The due merit or recognition was not given to her in her own country, although she had been translated into no less than thirteen languages, had been read in 40 countries, overpassed in selling in the USA a renowned writer such as Jorge Amado and still continues to be a great referential in the romance literature syllabuses of known universities abroad – in Brazil she remains almost unknown to the mass and even ignored by some critics. My speech aims at divulging this writer among the public in general, besides trying to find the answer to some questions related to the comprehension of the prejudice suffered by her in her own country and the ostracism which she was relegated to. With this I hope to be contributing to - If not putting her in the same platform of great goddesses of litera-

ture like Clarice Lispector, Lya Luft, Nélida Pinõn e Rachel de Queirós – at least to make her an outstanding author the way she is known worldwide.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus. African-Brazilian Literature. Memory.Society.

Introdução

Negra, favelada, catadora de lixo e semianalfabeta, de Jesus (1914-1977) é um caso curioso de se investigar, um meteoro de rápida aparição no panorama literário nacional, de transitória ascensão e sub-reptícia queda, tendo morrido reclusa e indigente num pequeno sítio em Parelheiros, na periferia de São Paulo, sem que o seu devido mérito tivesse sido reconhecido em seu próprio país. Embora tenha sido traduzida em no mínimo treze línguas, conhecida em 40 países, superado em vendas nos Estados Unidos um escritor de renome como Jorge Amado e continue a ser um grande referencial nos programas de literatura de línguas românicas das grandes universidades do exterior, no Brasil ela ainda continua desconhecida do grande público e ignorada pelos críticos.

Esta intervenção tem o objetivo de divulgar esta improvável escritora entre as massas, além de equacionar algumas questões pertinentes à compreensão do preconceito por ela sofrido em sua própria terra e do ostracismo a que foi relegada. Espero com isto estar contribuindo para – se não alçá-la ao panteão das grandes deusas como Clarice Lispector, Lya Luft, Nélida Pinõn e Rachel de Queirós - pelo menos torná-la uma autora de destaque como o é mundo afora. É chegada a hora de resgatarmos do anonimato o conteúdo dos humildes diários dessa escritora que, conscientemente ou não, tem contribuído não só para a nossa literatura, como principalmente para o debate sobre as mazelas que corroíam uma sociedade vergastada pela Ditadura Militar nos anos 1970 e os problemas políticos que afligiam os menos favorecidos naqueles conturbados

anos e que, de certa forma, ainda propagam seu eco na conjuntura social, política, e educacional brasileira. Em tempos de respeito à diversidade cultural, não podemos deixar calar uma voz que, de dentro da favela do Canindé, conseguiu exportar para o mundo o grito de socorro dos desvalidos.

“Mendiga de livros”. Este era o epíteto com que Carolina se autodefinia. Como autodidata extremada necessitava de livros como do próprio ar que respirava. Os seus diários contêm frases como: “Voltei alegre para a favela acariciando os dois livros como se fôssem dois filhos geméós” [sic]; “Eu pedi ao poeta Paulo Bonfim se podia arranjar-me uns livros. Que existe os que mendigam dinheiro. E eu sou mendiga de livros”; “Eu não escrevo para ganhar fortunas. Escrevo porque gosto de livros”[sic].

Desta forma, *Quarto de Despejo- Diário de uma Favelada*, a sua primeira e mais conhecida obra, foi um dos mais estrondosos sucessos em todo o território nacional no ano de 1960, quando foi originalmente publicada em São Paulo, tendo alcançando nos primeiros dias a surpreendente marca de 30.000 exemplares vendidos.

Abordando a problemática racial/social/sexual pelo viés autobiográfico, a escritora conta em seus diários sua infância e seu sofrimento em meio ao caos da desordem social do favelado, numa narrativa fiel da vida de um ser humano triplamente discriminado por ser negra, mulher e pobre. O fato é que o mercado editorial brasileiro preferiu manter sua obra na esfera do pessoal, uma vez que seus escritos utilizavam a forma confessional. Para escritoras como ela, entretanto, o diário era a única forma de expressão literária, pois ficção e realidade não se opõem, pelo contrário, estão interrelacionadas e a literatura, quando se faz necessário, cumpre o seu papel como veículo de denúncia social. Talvez por isto mesmo *Quarto de Despejo* tenha tido uma repercussão internacional de público e de crítica infinitamente maior do que no Brasil, figurando até hoje, mormente nos Estados Unidos, entre as obras mais expressivas da chamada “literatura documental de contestação” e que tenha se

tornado um *bestseller* mundial, com uma tiragem de mais de um milhão de cópias.

Assim, a fortuna crítica da obra dessa ex-catadora de lixo que escrevia seus diários em pedaços de papel retirados dos detritos percorreu, paradoxalmente, o caminho inverso: repercutiu primeiro no exterior para depois tornar-se conhecida - se bem que em menores proporções - no seu próprio país. A professora Marília Novais da Mata Machado (2006) comenta que quando Carolina morreu, em 1977, os jornais ainda pareciam injuriá-la, lembrando mais os seus fracassos do que os sucessos:

Carolina Maria de Jesus: morreu a escritora favelada que escrevia para acabar com as favelas (*Jornal do Brasil*, 14/2/77);

Morre Carolina, a escritora da favela (*Notícias populares*, 14/2/77);

Carolina Maria de Jesus: a morte longe da casa de alvenaria (*Jornal do Brasil*, 14/2/77);

O triste epílogo: Carolina de Jesus (*Diário da Noite*, 15/2/77);

O fim de Carolina, pobre e já no esquecimento (*O Estado de S. Paulo*, 15/2/77);

Um enterro pobre para a escritora da favela (*Notícias populares*, 15/2/77);

Carolina Maria de Jesus – o ponto final da escritora favelada (*Revista Fatos e Fotos*, 28/2/77). (MACHADO, 2006, p.105)

Tentando resgatar o merecido lugar da obra de Carolina no Brasil, o historiador, escritor e professor Joel Rufino dos Santos lançou em 2009 um primoroso livro sobre a vida e a obra da escritora: *Carolina Maria de Jesus: Uma Escritora Improvável*. A história é contada em *flashback* e mescla momentos da própria experiência de vida da autora com a vida política do Brasil entre os anos 1950 e 1970, refletindo sobre os mais diversos temas que afligiam a classe trabalhadora durante a Ditadura Militar, sugerindo assim uma visão mítica da autora que remete ao imaginário coletivo.

Denotando um espírito evoluído e um ser humano cheio de sonhos, às voltas com a dureza e a indiferença da sociedade, a obra

dessa sacramentana claramente evidencia a esperança de dias melhores. Tais diários também expressam uma cosmogonia bastante peculiar - suas experiências, frustrações e opiniões – desde a singela lembrança da criança faminta que prova cocada em lata e pão com sardinha pensando ser um manjar, até as reflexões sobre os governos, o bovarismo alienante da pequena burguesia e as revoluções.

O curioso é que Carolina não teve a menor noção do seu êxito e do que se passava em sua volta. Com os 30.000 exemplares da tiragem inicial vendidos em São Paulo em apenas três dias, o sucesso editorial logo viria e ela iria superar, em termos de conhecimento no estrangeiro, todos os escritores brasileiros – exceção feita neste item a Jorge Amado, que publicou em 55 países. Como já tive oportunidade de destacar em outra ocasião, Carolina representava “um segmento social que começava a ameaçar o *establishment* [...] emblemava a luta de classes segundo o momento cabível e audível naquele determinado contexto político” (LIEBIG, 2009, p. 38). Carolina Maria de Jesus - negra, mulher e favelada, poderia perfeitamente ter sido assumida pelas esferas urbanas dos movimentos sociais dos anos 60 como símbolo do tão almejado poder de ascensão das massas, mas não foi. Como aconteceu com as já consagradas Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Rachel de Queirós, Lígia Fagundes Teles e Clarice Lispector, seria de se supor que a autora, também escritora mundialmente famosa, fosse capaz de fazer parte daquela constelação, ao menos como um exemplo diferenciado do modo de produção de texto. Mas não foi. Isto comprova o preconceito de cor e a discriminação social embutidos na cosmogonia da elite nacional que, através da constante redefinição do chamado código culto, elide desse contexto uma mulher que apesar da obra originalíssima deixa de ser considerada.

Devido à limitação educacional da autora, (antiga 2ª série do curso primário) seus diários, reunidos em primeira mão pelo jornalista Audálio Dantas, não têm nenhuma preocupação artística. São apontamentos escritos nas horas livres de uma trabalhadora, uma mulher negra nascida no começo do século, criada na miséria e

vítima constante do assédio moral, do preconceito e da exclusão social. Apesar disto ou justamente por isto, sua sensibilidade, a consciência que demonstra de si mesma enquanto negra, mulher e indigente, aliada à curiosidade que nutre em relação ao mundo que a cerca, façam da obra de Carolina mais que um testemunho. Após o sucesso, lançou outros livros e foi publicada postumamente. Ganhou dinheiro com a literatura, mas sua meteórica carreira declinou vertiginosamente. Por inseparável que seja da história pessoal da autora, seus escritos nos deixam entrever também outra face da história, a protagonizada por todos aqueles que a constroem, sem que possam escrevê-la.

O principal motivo que me instigou a investigar mais a vida de Carolina foi, portanto, o descaso com que a escritora foi, e ainda é tratada no Brasil, seu próprio país. Enquanto as suas obras e a sua memória são motivo de análise por parte de diversas disciplinas nos Estados Unidos, alguns professores de literatura por aqui sequer as conhecem. Seus livros subsequentes - *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963 a), *Provérbios* (1963 b) e *Diário de Bitita* (1982) pouca ou nenhuma repercussão tiveram no mundo literário, tampouco foram objeto de estudo da crítica nacional, apesar de terem sido editados em outros países, como *Diário de Bitita*, publicado primeiro na França, e os demais, que despertaram e ainda despertam o interesse dos leitores e estudantes, especialmente o dos americanos.

A professora Eva Paulino Bueno,² no artigo intitulado “Carolina Maria de Jesus no Kansas: Uma história de amor” (2005) relata um interessante episódio que vai ilustrar o ponto em questão:

No dia 19 de outubro do ano passado, abri meu e-mail e recebi uma mensagem de uma pessoa que se identificava como “carolinamariadejesus”. Como eu tenho há muitos anos grande interesse em qualquer assunto relacionado com Carolina Maria de Jesus, este nome do remetente chamou a atenção. Abri a mensagem e li o seguinte texto, em inglês: “Nós somos um grupo de estudantes de Uniontown, Kansas,

fazendo uma pesquisa para apresentar no “Dia da História”. Estamos no momento procurando um tópico para a nossa pesquisa. Há uns dias vimos o nome de Carolina Maria de Jesus. Já sabemos um pouco sobre a vida dela, e que ela era do Brasil. Nós gostaríamos de saber se você tem alguma informação sobre esta mulher ou seus descendentes. Qualquer ajuda seria muito apreciada!” Quatro nomes começando com a letra “K” assinavam a mensagem. (BUENO, 2005, p. 37)

Relata Bueno que antes de responder a mensagem, checara a Internet para ver onde ficava tal lugar, e se existia de fato. Descobriu que Uniontown é uma cidadezinha muito pequena, com 701 pessoas, e localizada a pouco menos de 100 milhas de Kansas City. A cidadezinha tem uma escola de segundo grau, e as estudantes que assinavam a mensagem eram de lá. Respondeu-lhes a mensagem dando algumas informações, e pedindo outras delas, e assim seguiram. Em cinco meses a autora afirma ter chegado a conhecer bem o grupo de jovens que deram a Carolina Maria de Jesus um tratamento que ela não tem recebido dos próprios compatriotas no Brasil.

Como se explica o fato de que a obra e a história de Carolina Maria de Jesus tenham chegado até uma cidadezinha como Uniontown, no meio do Kansas, e comovido um grupo de “mocinhas brancas de classe média, que não falam português, que não dançam samba, e nunca comeram uma feijoada?” (BUENO, 2005, P.38). Este grupo conseguiu compreender, mesmo através da distância geográfica, linguística, cultural e temporal, que Carolina Maria de Jesus foi uma mulher excepcional, e uma escritora que merece a devida atenção. Mais curioso ainda é que além de ter somente 701 pessoas, Uniontown conta somente umas 8 pessoas negras. O fato é explicável em termos geográficos do Kansas, estado localizado no Meio-Oeste, que não é um centro urbano nem tem tradição de escravismo. “O mais provável é que essas meninas jamais entrem em contato direto com uma pessoa negra”, diz a professora. Por isto, o fato de elas terem se interessado pela vida de Carolina Maria de Jesus faz com a nossa escritora continue sendo não só uma

representante do Brasil, mas, especificamente, da mulher negra brasileira. Inevitáveis perguntas surgiram, proporcionadas pela curiosidade das adolescentes: “_ Por que, então, Carolina Maria de Jesus continua sendo quase que completamente ignorada no Brasil?”; “Por que é que há tão pouco interesse na história de Carolina desde os anos sessenta?” (BUENO, 2005, p.38). Eva Bueno acredita que uma das razões para a obliteração da obra de Carolina seja o fato de ela ser mulher, opinião da qual pessoalmente discordo. Se a questão principal fosse de gênero o sucesso das escritoras brancas às quais me reporte anteriormente não teria acontecido. A segunda razão apresentada por ela para justificar tal negligência seria o fato de Carolina ter sido “mãe solteira de três filhos, cada um de um homem diferente” (p. 38). Se bem que mais próximo do cerne da questão do que o primeiro ponto, este também não me parece o principal responsável pelo ocorrido. O motivo mais plausível para tanto, dado o contexto social brasileiro da época, seria a terceira opção, a do lócus de enunciação. Diz Bueno que “ela [Carolina] fala da periferia. Não somente da periferia da cidade- ela morava na favela do Canindé quando *Quarto de despejo* foi publicado - mas também da periferia do poder” (BUENO, 2005, P.39).

Cronista ímpar do equilíbrio entre as condições do pobre e do miserável, ou mesmo um termômetro a mensurar a intelectualidade e a pobreza em um país solapado pela ideia de uma pseudodemocracia racial, o trabalho de Carolina, “... brasileira, intelectual orgânica, negra e mulher, embora esquecido no Brasil, continua sua função no mundo” (BUENO, 2005, p.40). Por não desfrutar de um merecido lugar no bojo da literatura nacional e por ser mais conhecida no exterior, temos a obrigação de tornar viva a memória desse fenômeno meteórico chamado Carolina Maria de Jesus, levianamente induzida a “relações fáceis, amores inconsistentes, talvez de mão-única; ao luxo postiço dos hotéis e restaurantes, ao aplauso caloroso dos auditórios cheios” que lhe trouxeram, paradoxalmente, o que não conhecia: “a dúvida sobre o próprio valor da literatura” (SANTOS: 2009. p. 151).

Graças às inestimáveis pesquisas de Levine e Meihy³, muitos manuscritos de Carolina foram microfilmados, em 1996, e encontram-se disponíveis na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, material que certamente lançará alguma luz às questões por nós formuladas. Até 2004 inúmeras teses de doutorado tomaram-na como objeto (MAGNABOSCO, 2002; PERPÉTUA, 2000; SOUSA, 2004) e muitos estudos sobre sua obra foram publicados, especialmente nos Estados Unidos: ARRINGTON, 1993, 1993b; CASTRO-KLARÉN MOLLOY, & SARLO, 1991; LEVINE, 1994; LEVINE & MEIHY, 1995; M.K., 1987; PLATT, 1992). Creio que uma pesquisa mais atualizada irá corroborar a nossa tese de que Carolina foi e continua sendo muito mais estudada no exterior do que no Brasil.

Espero que esta fala possa despertar em mais pesquisadores o desejo de redescobrir a obra de Carolina e que igualmente inspire no crítico nacional a vontade de rever conceitos hoje tidos como obsoletos ou ultrapassados, principalmente através da abordagem pós-colonial, em que as identidades, hoje muito mais fluidas que ontem, contam com uma rubrica que as autorizem, desde o lugar de onde se insinuam, a fazer valer a voz do oprimido.

Referências Bibliográficas

ARRINGTON Jr., M.S. Gnostic literature from the favela: The Provérbios of Carolina Maria de Jesus. In: *Romance Notes*, 34(1), pp.79-85. Chapel Hill: The University of North Carolina at Chapel Hill, 1993.

ARRINGTON Jr., M.S. From the garbage dump to the brick house: the diaries of Carolina Maria de Jesus In: *South Eastern Americanist*, 36(4), pp.1-12. The South Eastern Council of Latin American Studies, 1993 b

BUENO, Eva Paulino. Carolina Maria de Jesus no Kansas: uma história de amor in: *Espaço Acadêmico*, n.46, março. 2005. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br>. em 24/11/2010

DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina

- Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive. In: *Folha da Noite*, ano XXXVII, n. 10.885, 9 de maio. São Paulo, 1958.
- JESUS, Carolina. M. de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- JESUS, Carolina. M. de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Editor Áquila, Ltda. 1963.
- JESUS, Carolina. M. de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961
- JESUS, Carolina. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.
- LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. In: *Leitura. Teoria & Prática*, Vol. 25, pp.10-18, Porto Alegre, 1995.
- LEVINE, Robert & BOM MEIHY, José Carlos Sebe (Eds.). *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*. Trad. Nancy P.S. Naro e Cristina Mehrtens. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999
- LEVINE, Robert & BOM MEIHY, José Carlos Sebe (Eds.). *Antologia pessoal*. MEIHY & LEVINE (Orgs). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996 b.
- LEVINE, Robert & BOM MEIHY, José Carlos Sebe (Eds.). *Meu estranho diário*. MEIHY & LEVINE (Orgs). São Paulo: Ed. Xamã, 1996.
- LEVINE, Robert & BOM MEIHY, José Carlos Sebe (Eds.). *The Life and Death of Carolina Maria De Jesus*. (Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.
- LEVINE, Robert & BOM MEIHY, José Carlos Sebe (Eds.). *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- LIEBIG, Sueli Meira. Uma mulher dionisíaca. In: *Revista Le Monde Diplomatique – Brasil*, ano 3, n. 32. São Paulo: Março de 2009
- LOBO, Luíza. *Crítica sem juízo: Ensaios*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.
- M. K. Inter-American notes. In: *The Americas. A Quarterly Review in the Inter-American Cultural History*. 42 (4), pp. 483-485, 1987.
- MAGNABOSCO, M. M. “Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero”. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Doutorado em Literatura Comparada. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- MATA, Marília Novais Machado da. Os Escritos de Carolina Maria de Jesus:

Determinações e Imaginário. In: *Psicologia & Sociedade*. 2006, 18 (Maio-Agosto): Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326327014>> ISSN 0102-7182. em 14/02/2014

PERPÉtua, E. D. “Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo”. Tese de doutorado não publicada, Programa de Doutorado em Literatura Comparada. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

PLATT, K. Race and gender representations in Clarice Lispector’s *A menor mulher do mundo* and Carolina Maria de Jesus’ *Quarto de Despejo*. *Afro-Hispanic Review*, 11(1-3), pp. 51-57., 1992.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: Uma Escritora Improvável*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

SOUSA, G. H. P. de. “Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata”. Tese de doutorado não publicada. Programa de Doutorado em Teoria Literária. Brasília: UnB. 2004.

VICTOR, Fábio. Diários de brasileira catadora e escritora inspiraram filme cotado ao Oscar In: *Folha online*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u683789.shtml>. em 18/02/2010.

Notas

²Eva Paulino Bueno leciona espanhol e português na St. Mary’s University em San Antonio, Texas.

³ Os professores Robert Levine, brasilianista norte-americano já falecido, e José Carlos Sebe Bom Meihy, historiador da USP, que prossegue com seus estudos, são referências de mais alta importância para os estudos carolinianos.